

RELATO DE EXPERIÊNCIA SOB A INSPIRAÇÃO INFANTIL ARTE- EXPRESSÃO LÚDICA

Texto final produzido pela acadêmica:

Laura S. R. Cascais

(7ª fase - Curso de Pedagogia - Educação Infantil - 1º semestre de 2001)



criador infantil.

Dialogar com a infância requer aproximar-se da lógica da expressão infantil, repleta de especificidades. Eu estava aberta para fazer o diálogo, quando decidi visitar uma escolinha de artes, na busca-procura de conhecer uma realidade educativa diferenciada e vivenciar de perto o fazer

Eu estava certa de que haviam muitas questões a serem desvendadas e pretendo relatar aqui um pouco da minha visita à escolinha, que atende crianças de quatro a treze anos e desenvolve trabalhos específicos com três linguagens: artes plásticas, musicalização e teatro.

Uma questão em especial me acompanhou durante a visita. Desejava saber se: - Argila, instrumentos musicais, figurino de teatro eram objetos que proporcionariam criações estéticas a partir de expressões lúdicas... Descobri então, que a obra estética infantil veicula uma mensagem própria, do universo de suas representações do mundo, da vida. Esta mensagem materializa-se a partir do processo criativo que a projeta e inicia com o impulso lúdico que traduz-se através da expressão lúdica. Segundo Sans, a expressão lúdica não pode ser medida, “participa em diferentes estágios da atividade criadora, conforme a ocasião, a necessidade interior”. (Sans, 1994, p.76) Assim sendo, nas obras estéticas das crianças transparecem a fantasia, a imaginação, o despertar do espírito lúdico. Tal como pode ser evidenciado nos trechos abaixo: Nas aulas de cerâmica, sob a inspiração

infantil, as crianças modelam na argila e criam: pão francês, pão de trigo, pássaros – o que a imaginação pode inventar.

O universo lúdico expressa-se na linguagem de uma das crianças que ao modelar o pão de queijo, olha para o lado e brincando, oferece um pedaço ao colega. Quando conversei com a professora que estava dando aula de cerâmica (modelagem), ela me disse: “Se as crianças estão aqui elas estão criando e não estão escravas da televisão”. A fala da professora nos dá indícios de que um ambiente como a Escolinha de Artes é uma alternativa que oferece repertórios de experiências, diferentes daqueles que colocam as crianças na posição de meras espectadoras da cultura de massa, presas facilmente manipuladas pelos meios de comunicação.

Nas aulas de música, várias atividades são realizadas. Dentre elas, observei algumas. Nesta aula, as crianças criam e executam uma música à partir de imagens visuais, desenhadas pelo professor. Assim sendo, a imaginação infantil tece representações mentais



dos sons, evocando-os em consonância com a expressão plástica. Depois de cantar e gesticular algumas canções, dessa vez, as crianças faziam a interpretação da música através de desenhos, isto é, de imagens visuais.

Nesse sentido, várias linguagens uniam-se, em articulação significativa: linguagem auditiva, visual, musical, cênica, plástica, entre outras.

A interação com a criação do som era eminentemente lúdica, as crianças produziam sons compondo divertidamente, numa atitude criadora e prazerosa. Na Escolinha, amplia-se o repertório musical das crianças e possibilita-se o contato com obras estéticas diferentes daquelas expostas no mercado dos produtos culturais.



Hoje, a cultura do consumismo expõe a música enquanto produto cultural, escravizado a parâmetros

comerciais de vendagem e empobrece o seu caráter estético. Ao compreender as limitações dessas obras é que as experiências com as aulas de música na Escolinha de Artes, manifestam sussurros de resistência à esta cultura consumista, abrindo canais para a expressão infantil na composição, execução, interpretação e apreciação musical.

Ao observar as aulas de Teatro, vivenciei momentos da hora do conto. A professora conta histórias e acende nas crianças as turbinas da imaginação. As crianças atentas à história, vão tecendo representações mentais, imaginando simbolicamente uma realidade ausente, fictícia.

Depois inicia-se o processo criativo coletivo, na construção do jogo dramático à partir da história. A seleção dos objetos para o cenário, a criação das falas, constituem um laboratório de experimentos, de ludicidade. Nesse sentido, tanto o processo de criação quanto o resultado final, que culmina na apresentação do jogo dramático, reporta-se à brincadeira do faz de conta, imprevistos, expectativas, tentativas, em que as crianças assumem papéis, referenciadas pela história contada (Kishimoto, 1998).

Assim sendo, nessa dinâmica interativa, pude observar uma criança no papel de raposa, que entala sua boca no prato de sopa, fazendo rir a platéia. Observei que existe uma



fruição lúdica, uma satisfação de ver uma obra compartilhada socialmente, que pode ser percebida, através da alegria, do prazer, emblemados nas crianças.

Com esta pesquisa, com relação específica ao fazer criador infantil, desvendei muitas questões. E percebi que a arte também é expressão lúdica. Nesta perspectiva, a escolinha nos revela possibilidades de uma intervenção educativa que valoriza as múltiplas linguagens. Neste sentido, não seria relevante para as instituições de educação infantil ampliarem o seu olhar sobre o espaço da arte e especialmente da expressão lúdica, a partir da experiência da escolinha?

Referência bibliográfica

ARIÈS, Philippe. História Social da criança e da família. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

ALMEIDA, Elvira. Arte Lúdica. São Paulo: Fapesfo, 1999.

BEYER, Esther (org.). Idéias em Educação Musical. Porto Alegre: Mediação, 1999.

FROM, Erich. Conceito Marxista de Homem. Rio de Janeiro: Zahar Editores. p.19-61.

GALEANO, Eduardo. A infância como perigo. Revista Atenção, São Paulo: Página Aberta.Set. 1996

KRAMER, Sônia; LEITE, Maria I (Orgs.). Infância: Fios e Desafios da Pesquisa. Campinas: Papyrus, 1990.

MARX, Karl. O Fetichismo da mercadoria. In: FORACHY, MARTINS, J. S. Sociologia e Sociedade. Rio de Janeiro: LTS, 1981.

NUNES, Benedito. Introdução a Filosofia da Arte. São Paulo: Ática, 1991.

SANS, Paulo de Tarso Cheida. A criança e o Artista. São Paulo: Papyrus, 1994.

SNYDERS, Georges. A escola pode ensinar as alegrias da música. São Paulo: Cortez, 1994.

ZILBERMAM, Regina (org.). A produção cultural para a criança. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.